



“Eu te amo, mãe”

Maria Aparecida de Oliveira

Mãe: Maria Aparecida de Oliveira, 57 anos

Filho: Gabriel Oliveira, 12 anos

Maria Aparecida:

- A história minha, pra mim, foi uma bênção o ter, ter pegado ele, cuidar dele, ser mãe dele.
- Para mim foi uma experiência de vida muito boa, porque eu tenho seis filhos de sangue, mas só dois estão vivos, os outros eu perdi. Tenho ele (Gabriel), meu caçula né? Foi uma bênção de Deus pôr ele no meu caminho pra eu cuidar.

O que você fala para outras pessoas com relação à adoção?

- Se as pessoas podem e têm condições, adotem. Eu não tenho condições financeiras, mas assim, pela misericórdia de Deus, de educar, de conversar, de cuidar, isso graças a Deus, eu tenho condições.
- Tem tanta criança abandonada, muitos porque as mães não podem cuidar, outros porque as mães desprezam, abandonam, e acabam ficando “jogados”, precisando de um lar, uma família.

- No meu ponto de vista, se alguém puder adotar, é uma coisa muito boa. Pega desde pequeno pra criar, do jeito da gente, né? E também, até depois de grande, se não teve jeito de pegar pequeno, com muita fé em Deus, que abençoa e encaminha tudo.

Você é feliz?

- Sou muito feliz, graças a Deus. Do jeito que eu sou feliz com o meu filho mais velho, eu sou feliz com o do meio, sou feliz com ele também (Gabriel), que é o caçula.

Você incentivaria as pessoas a adotarem?

- É uma bênção que uma pessoa pode fazer: dar um lar, uma família para uma criança que está desamparada, longe da própria mãe.

- Dou parabéns às mães que não podem cuidar dos filhos, mas deixam a criança vir ao mundo, e depois a colocam no abrigo, onde a criança pode ser encaminhada para a adoção, para que uma família possa adotá-la e, assim, ter a liberdade de viver. Quem tem direito de tirar a vida é só Deus.

Fala de Gabriel:

“Minha vida hoje é melhor. Às vezes eu peço uma coisa que ela não pode dar, mas eu entendo... eu te amo, mãe!”

